

CONTEÚDOS E DIDÁTICA DE ARTES

Professora autora:

DOROTÉA KERR

- ▶ Professora, organista, regente coral e produtora cultural.
- ▶ Livre-docente pela UNESP e professora adjunta no Instituto de Artes dessa universidade. Formada em História e Pedagogia pela USP, em Órgão pela Faculdade Santa Marcelina, fez Mestrado em Música/Órgão na Escola de Música da UFRJ e Doutorado em Música/Órgão na Universidade de Indiana, Estados Unidos. Dentre suas atividades como organista constam a fundação da Associação Paulista de Organistas, em 1977, da qual foi presidente; membro do conselho editorial de Caixa Expressiva, primeira publicação brasileira dedicada ao órgão; presidente da Associação Brasileira de Organistas; e realização de concertos no Brasil e no exterior. Em 2010 participou do Festival Internacional de Órgão da Catedral de Riga, na Letônia. Foi, também, a primeira organista brasileira a tocar em missa na Catedral São Pedro e São Paulo, no Vaticano, em Roma.

APRESENTAÇÃO

Há muitas formas de entender (ou descrever) as Artes. Podem ser vistas como perfeitas elaborações da criatividade do ser humano ou resultados de momentos de inspiração que parecem ser transcendentais; podem ser vistas como formas de desvendamento da realidade no processo de recriação de outra realidade ou instrumentos de transfiguração do existente; podem ser agentes de transformação tão poderosos que aqueles a elas submetidos nunca mais verão o mundo do mesmo modo; podem ser canais para ver, sentir e ouvir outras dimensões que ultrapassam a realidade; ainda, podem ser vistas como atividades ordenadas e regradas que só têm equivalentes na Ciência e na Filosofia.

Por tudo isso e muito mais, elaborar um Caderno de Formação em ou sobre Artes é tarefa difícil e ambiciosa. Há tantos ângulos, recortes, níveis que podem ser abordados, sem mencionar que cada Arte é um universo próprio, que se torna até angustiante decidir o que trazer ao leitor. Mas escolhas têm que ser feitas e assume-se que apenas uma parte ínfima desse universo faz parte destes textos.

Assim, o meu propósito com este Caderno é sugerir possibilidades de reflexão que suplantem os limites colocados diante das Artes na nossa sociedade: as barreiras da avidez por consumo apressado e pelo rápido entretenimento que elas podem proporcionar.

Há muitas prescrições sobre o que fazer com as Artes na escola: levar em conta a bagagem cultural do aluno, respeitar seus interesses, não apresentar muitas regras, deixá-lo livre para criar, não intimidá-lo com noções e técnicas... e cada linha pedagógica apresenta seu receituário de como se deve ou não atuar com relação às Artes.

Prescrever não é o objetivo deste Caderno. O desígnio principal é apresentar alguns aspectos das Artes para despertar a curiosidade do leitor sobre os muitos caminhos e as diversas manifestações artísticas.

Se alguns textos parecem apontar para práticas didático-pedagógicas ou para experiências de realizações artísticas, a intenção quando elaborados foi de servirem de modelo para incentivar novas ideias, puxar fios de criatividade quem sabe adormecidos. Meu desejo é que o leitor coloque sua curiosidade em movimento e que reveja conceitos, que os use ou os descarte, surpreendendo-se sempre na busca do conhecimento.

Tomada de um ímpeto iconoclasta pensei em, junto a meus colegas que assinam os artigos, conferir a este Caderno o subtítulo “Escola não é lugar de Arte” ou “Arte não se faz na escola”, parodiando o famoso samba de Noel Rosa que canta “Samba não se aprende na escola”. Repasso a provocação aos leitores. Alguns poderão reclamar – afinal a formação de um cidadão completo não deve passar pelas Artes? Outros até poderão concordar – enfim estamos livres para nos dedicarmos às disciplinas realmente importantes como matemática, ciências e português.

O quadro atual das Artes, na escola, é complexo. A lei nº 11.769, de agosto de 2008, torna o ensino de música obrigatório na educação básica. Entretanto, medidas para regulamentação dessa atividade ainda estão em estudo. A direção da entidade que reúne professores e pesquisadores em música, ANPPOM, reclama que ainda não foram chamados pelo ministro da Educação para discutir as estratégias e modos de implantação da lei. Parece que a data para implantação será adiada para 2012.

Lembrei-me do meu tempo de primário em Sorocaba e em Jandira (na primeira, no Grupo Escolar Antonio Padilha e em Jandira, em uma escola isolada) quando cantar era prática cotidiana. Nós cantávamos os hinos pátrios e canções tanto na entrada da escola quanto nas classes. Além disso, recitávamos poesias, realizávamos encenações, fazíamos desenhos... e tudo parecia tão simples. Tenho na memória o tempo em que fui professora em uma escola isolada no Jardim dos Pinheirinhos, perto de Itapeçerica da Serra. Cantávamos todos os dias e o canto era ouvido daquela casa pequena no alto do morro por toda a vizinhança. Aos sábados, os alunos ouviam com prazer dois garotinhos da classe, cantores nos restaurantes da rodovia Régis Bittencourt, entoando música caipira. Eram os artistas da classe... Lembro-me da Escola Municipal do Jardim Ester (km 15 da via Raposo Tavares) quando do canto em conjunto surgiu uma escola de samba, a partir do gosto e costume do local. Instrumentos de percussão e passistas foram acrescentados e todos os alunos, desde os menores, ansiavam por vir se juntar ao grupo.

Hoje, parece-me, o dia a dia da escola está tão repleto de regras e de afazeres, com docentes sobrecarregados que perdemos o prazer da convivência que a prática e o usufruir artístico podem proporcionar.

Essa é a proposta deste Caderno. Não vamos complicar, embora a arte seja uma das mais complexas manifestações humanas, antes vamos aguçar a curiosidade e buscar nas Artes práticas para a vida e valorização humana.

Octavi Ianni¹, grande sociólogo, ensinou que as Artes, as Ciências, a Filosofia podem ser vistas como formas de esclarecimento e também de encantamento. A escola pode permitir a entrada nesses dois reinos – conhecer e se encantar.

1. IANNI, Octavio. Cartografia da Humanidade. Folha de São Paulo. São Paulo, 30 set. 2001. Mais, p.12.

O Caderno é iniciado com um artigo sobre Artes Plásticas, escrito pelos professores Dr. José Spaniol, escultor premiado e professor, e Sergio Romagnolo, escultor, pintor e professor, ambos docentes do Instituto de Artes da UNESP. O texto, dividido em duas partes, trata do ensino de artes em instituições públicas em geral, a partir de experiências próprias. Os autores apresentam certas particularidades desse ensino como a aceitação de multiplicidade de resultados, a inexistência de certo e errado e enfatizam que um ambiente preparado é uma via para a criação e discutem-na no ambiente dos ateliês.

Para não privilegiar uma arte sobre a outra, optei pela ordem alfabética e, em seguida, foram colocados dois artigos na subárea Dança. Ambos são da Profa. Kathya Maria Ayres de Godoy, dançarina, coreógrafa e docente do Instituto de Artes da UNESP. Esses artigos visam abordar o ambiente da escola e se complementam. No primeiro, a autora apresenta a dança como portadora de signos próprios reveladores da cultura local, das muitas “corporalidades” da criança e das possibilidades de ensinar relações sociais. A linguagem da dança e seus códigos são esclarecidos, principalmente as noções de corpo e movimento. No segundo, ela trata, principalmente, de projetos executados com apoio da Unesp, das metodologias empregadas e dos resultados obtidos.

Os dois artigos seguintes são de minha autoria e são resultantes de minha atuação como docente e pesquisadora. No primeiro artigo, procuro recordar algumas ideias de Villa-Lobos, compositor e educador responsável pelo Canto Orfeônico, sistema de ensino de música ainda bastante questionado no meio dos educadores musicais por ter sido implantado durante o período da ditadura de Vargas e pelas noções de ordem, e de nacionalidade que transmitia. Não abordei profundamente as razões dos ataques que esse ensino recebeu, mas detive-me no que as ideias de Vargas assemelhavam-se às de tantos outros pedagogos do período como de Dalcroze, compositor e pedagogo nascido na Áustria, suíço por decisão e que atuou também na Alemanha até 1915.

O segundo artigo é resultante das minhas preocupações como professora de história da música e do meu gosto por essa arte no século XX. Neste artigo, trato de duas “revoluções”: a que ocorreu na própria linguagem musical e que foi responsável por uma considerável mudança na nossa maneira de ouvir, de sentir, de avaliar e de fazer música; e a outra, talvez até mais contundente, que criou a música popular, ou aquela elaborada e produzida por meios industrializados ampliando o consumo, as possibilidades de feitura e democratizando a arte musical.

Os artigos sobre teatro foram escritos pelo Professor Alexandre Mate, docente e pesquisador em história do teatro. No primeiro texto, o autor aponta para a perda da identidade nessa nossa sociedade que busca a homogeneização e discute como o fazer artístico pode sensibilizar e acender a memória, faculdade esquecida nos tempos em que vivemos que se esvai sem deixar marcas; por outro lado, aponta que esse mesmo fazer como meio para problematizar a própria noção de identidade. No segundo texto, apresenta modos de vencer as carências materiais e mentais que limitam o fazer teatral a determinados espaços, instituições, por determinadas pessoas, para transformá-lo, por meio da apropriação de textos literários mais comuns, em uma atividade de criação no ambiente escolar. O autor não apresenta uma proposta fechada, mas um modelo que pode deflagrar ações, mudar atitudes e incentivar ideias.

Desejo, entretanto, muito mais do que o apego a esses textos. Desejo que o leitor crie para si muitos roteiros artísticos do que gosta, do que não gosta, do velho, do novo, do moderno, do reacionário, roteiros que sejam seus e aos quais incorpore as muitas leituras que estão à disposição e que poderá criar com suas próprias reflexões.

Dorotéa Kerr

